

RESENHA

*Jonatas Silva Miranda**

TRIPP, Paul. **Instrumentos nas mãos do Redentor**: pessoas que precisam ser transformadas ajudando pessoas que precisam de transformação. São Paulo: Nutra Publicações, 2009. 474 p.

Todo cristão precisará, em algum ponto de sua caminhada, de ajuda e todos os que precisam de ajuda em algum momento também serão chamados para ajudar. Essa situação traz a necessidade de procurar uma ajuda efetiva, realmente fundamentada na cosmovisão cristã. O livro *Instrumentos nas Mãos do Redentor* é uma das leituras que contribuem para nutrir uma visão bíblica desse processo de ajuda. O livro pode ser dividido em três grandes partes: Em primeiro lugar, numa perspectiva bíblica sobre o coração; em segundo, a compreensão bíblica sobre o pecado e seus efeitos na vida do homem, e, em terceiro, como todo o processo de aconselhamento deve ser desenvolvido alinhado com a metanarrativa do evangelho.

No capítulo 1 Tripp define os termos do seu livro, apresentando a tese que servirá de fundamento para o todo o restante da obra. Ele apresenta a melhor notícia que a humanidade poderia receber diante do seu estado caído, que está “enraizada em fatos históricos e realidades presentes. Penetra a mais dura condição humana com esperança de mudança de vida” (p. 18). O evangelho, a obra redentora de Cristo, é a notícia maravilhosa aos que sofrem os efeitos da queda.

No capítulo 2 o autor aborda que Deus, soberanamente, usa instrumentos para atingir o seu objetivo de mudança na vida das pessoas, e o destaque dado por Tripp é que “Deus usa pessoas comuns para fazer coisas extraordinárias

* Doutorando em Ministério (DMin) pelo CPAJ/RTS; mestre em Divindade com ênfase em Aconselhamento Bíblico pelo CPAJ (2020); especialista em Aconselhamento Bíblico pelo NUTRA/ Núcleo de Treinamento e Aconselhamento (2017); bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (2012). Pastor auxiliar na Igreja Presbiteriana Barra Funda em São Paulo.

na vida de outras pessoas” (p. 40). Essas pessoas são usadas à medida que aplicam e usam a Escritura, sendo essa ferramenta apontada por Tripp como aquela usada por Deus para operar o processo real de mudança no coração do homem: “Deus transforma a vida das pessoas à medida que pessoas levam a sua Palavra a outros” (p. 420). O objetivo dessa mudança é glorificar a Deus, pois enquanto compartilhamos e aplicamos os ensinamentos da Escritura, Deus é glorificado, já que devemos “viver comprometidos com a Sua glória” (p. 62).

O capítulo 3 nos apresenta a perspectiva da metanarrativa bíblica, apontando que, sem uma compreensão adequada dos três tópicos a seguir, não teremos um processo de mudança centrado no evangelho, pois “as Escrituras veem os seres humanos de três ângulos: Criação, Queda e Redenção. Esta perspectiva mais ampla provê a base que precisamos para o ministério pessoal” (p. 67). Aplicando o conceito ao desenvolvimento do ministério pessoal ele resume a estrutura da seguinte maneira:

O mundo do ministério pessoal está enraizado em três princípios: Primeiro, fomos criados com a necessidade pela verdade que está fora de nós mesmos para vivermos da maneira adequada. Segundo, muitas vezes interpretativas competem com a Palavra de Deus pela atenção de nossos corações. Terceiro, o poder do pecado foi quebrado, mas a presença enganosa do pecado permanece. Portanto, precisamos viver em comunhão humilde e honesta uns com os outros, onde o ministério pessoal é parte das interações diárias (p. 88).

Temos assim que, por causa da perspectiva da criação, queda e redenção, as pessoas precisam ser socorridas.

Nos capítulos 4 e 5, Tripp chama a atenção para a necessidade de compreensão bíblica do coração, conduzindo o leitor por um exame detalhado de alguns textos bíblicos, quais sejam, no capítulo 4, Lucas 6.43-45, Romanos 1, Mateus 6.19-24 e, no capítulo 5, Tiago 4.1-10 e Gálatas 5.13-26. Tripp mostra que, sem uma compreensão adequada do coração (seus desejos, concupiscências e ídolos), nossos conselhos se tornam orientados pela necessidade e fundamentados somente no próprio homem, pois esse será motivado a agir de acordo com os desejos do coração e, a menos que ocorra uma mudança real no coração (p. 99), o processo de santidade não criará raízes.

O capítulo 6 apresenta Jesus como o modelo de conselheiro a ser seguido. Para Tripp, “ser um instrumento de mudança de coração significa seguir o exemplo de Cristo e focalizar no coração – começando pelo seu próprio” (p. 139). Para cumprir essa tarefa é preciso lembrar que somos chamados para ser embaixadores, representando a “mensagem do Rei”, “os métodos do Rei” e “o caráter do Rei” (p. 152). Assim, no final do capítulo, ele expõe a estrutura que deve ser aplicada no processo de cuidado fundamentado no modelo do “maravilhoso conselheiro”: *amar, conhecer, falar e fazer*. O restante do livro está voltado para trabalhar e descrever essa estrutura e mostra que “apesar de

haver alguma lógica na ordem, você fará todas essas coisas simultaneamente enquanto busca ser embaixador do Senhor” (p. 155).

O primeiro item dessa estrutura, *amar*, é apresentado nos capítulos 7 e 8. Em poucas palavras, esse conceito fundamental do amar consiste na arte de desenvolver relacionamentos intencionais com o objetivo de conduzir o outro para Cristo. Devemos ter um relacionamento real com Deus e, conseqüentemente, desenvolveremos um relacionamento profundo com o próximo. Tripp argumenta que “as Escrituras destacam quatro coisas quando nos chamam a amar alguém de maneira que promova a obra transformadora de Deus nos corações” (p. 174): 1. entrar no mundo da pessoa; 2. encarnar o amor de Cristo; 3. identificar-se com o sofrimento; 4. alinhar-se ao plano.

Os capítulos 9 e 10 tratam sobre o *conhecer*. Neste tópico, Tripp defende que “nossa eficiência como embaixadores é enfraquecida porque não conhecemos as outras pessoas suficientemente bem para sabermos onde é necessária a mudança ou onde Deus está trabalhando ativamente” (p. 224). Conhecer o próximo no primeiro momento implicar em coletar dados, e para isso é necessário que se façam boas perguntas, pois “fazer boas perguntas é fazer a obra de transformação. (...) Fazer boas perguntas não somente constrói uma plataforma para a obra que o Messias faz por meio de nós – ela é a obra” (p. 237).

Além de uma boa coleta de dados para conhecer o aconselhado, o autor estabelece que, nesse processo, é preciso fazer uma boa interpretação dos dados coletados. É necessário que a pessoa que está ajudando entenda “a situação”, “as respostas”, “os pensamentos” e “as motivações” (p. 256-257). Seguindo essas categorias obteremos “ganchos simples para organizar a informação que você juntou” e “também ajudam a identificar os tipos de informação que ainda precisa obter” (p. 257).

Nos capítulos 11 e 12 o autor descreve o penúltimo tópico da estrutura, o *falar*. Esse princípio estabelece que a confrontação deve ser enraizada no conforto e no chamado do evangelho, e deve ser feita em amor (p. 270.). Tripp mostra que confrontar biblicamente significa “começar com o seu próprio coração” (p. 282) e “começar com os alvos certos” (p. 285). Ao confrontar biblicamente é “dada a oportunidade de ver Deus transformar as pessoas de maneira miraculosa, de perto e pessoalmente” (p. 287), chegando ao alvo: “não forçar a mudança de comportamento, mas encorajar a nova natureza com o evangelho” (p. 293).

Na segunda parte, no cap. 12, Tripp descreve o processo da confrontação em quatro passos. O primeiro é a consideração e, para isso, ele propõe uma pergunta para reflexão do conselheiro nesse passo inicial: “O que essa pessoa precisa enxergar (a respeito de si mesma, de Deus, das outras pessoas, da verdade e da mudança) que ela não enxerga e como posso ajudá-la a enxergar?” (p. 297). O próximo passo é a confissão, para avaliar se o aconselhado olhou a si mesmo no espelho da Escritura e identificou os pecados do coração e do

comportamento, tendo como consequência a confissão. O terceiro passo é o compromisso: Tripp aponta que consideração e confissão compõem o aspecto “despojar-se” no processo de confrontação (Ef 2.22-24); o compromisso é o primeiro passo da fase “revestir-se do arrependimento” (p. 307). Por fim, a mudança, o último passo, é entendido como o “alvo da confrontação” (p. 308).

Nos capítulos 13 e 14 chegamos ao item final do modelo apresentado por Tripp, o *fazer*, que “nos ensina a aplicar à vida diária as verdades que aprendemos, o discernimento que adquirimos e os compromissos que fizemos” (p. 223). Tripp desenvolve quatro objetivos para esse fazer: 1. estabelecer um plano de ministério pessoal; 2. esclarecer as responsabilidades; 3. lembrar continuamente sua identidade em Cristo; 4. prestar contas. A aplicação das verdades do evangelho deverá ser consistente e constante. O indivíduo precisará estar pronto para lidar com as dinâmicas do seu coração e ter pessoas que o ajudem ao longo do processo de mudança.

Tripp encerra essa obra chamando a atenção para o estilo de vida que devemos viver, um estilo de vida de embaixadores, afirmando que “todos os relacionamentos devem refletir seu chamado de embaixador. Você deve sempre procurar representar fielmente Sua mensagem, Seus métodos e Seu caráter (p. 357). Aqui vale ressaltar que os apêndices desse livro são ferramentas úteis para o desenvolvimento do Amar, Conhecer, Falar e Fazer.

Instrumentos nas Mãos do Redentor é um livro que expõe com clareza como devemos viver nossos dias como representantes do Senhor. É uma obra com uma teologia saudável, desenvolvendo uma cosmovisão bíblica do homem, do seu problema e de como ele deve se relacionar com Deus e com o próximo. Esse livro deve ser lido por todos os crentes e as verdades bíblicas apresentadas devem ser implementadas em suas vidas para que o Senhor seja glorificado em tudo. Encorajo e recomendo essa leitura e estudo individualmente, mas, principalmente, com sua igreja, na certeza e esperança de contribuir para a formação de uma cultura de cuidado mútuo no corpo de Cristo.

RESENHA

*João Paulo Thomaz de Aquino**

ORTEGA, Matheus. **Economia do Reino**: quatro caminhos cristãos para lidar com a riqueza e a pobreza no mundo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2021. 208 p.

Mateus Ortega fez seu mestrado em Desenvolvimento Internacional e Emergências Humanitárias pela London School of Economics e é bacharel em relações internacionais pela PUC-SP. Além de trabalhar na área de desenvolvimento sustentável de cidades, também é músico e cineasta.

O livro *Economia do Reino* é muito bem escrito, criativo, muito bem pesquisado, tem citações e exemplos de diversas épocas e tradições cristãs, tem ótima apresentação gráfica e uma proposta diferente de muitos outros livros que falam sobre finanças e cristianismo. O livro começa com uma parábola, na qual Clemente de Alexandria, Cipriano de Cartago, Basílio de Cesareia e Ambrósio de Milão conversam animadamente em um banquete no Reino de Deus, cada um contando a sua história com ênfase em como lidaram de maneiras diferentes com o dinheiro e os bens materiais. Dessa forma, Ortega ilustra quatro posições distintas que os cristãos têm defendido ao longo dos séculos em relação às finanças. Essas quatro posições são identificadas no livro como *doador*, *moderado*, *transformador* e *abnegado*. A novidade da tese de Ortega é propor que entre essas quatro posições não existe uma única correta à luz das Escrituras, mas que Deus capacita e chama diferentes cristãos para viver segundo uma delas e evitar os riscos da mesma (caps. 1 e 2). Nas palavras do autor: “O grande segredo que me foi desvendado é que esses caminhos são

* Doutor em Novo Testamento pela Trinity Evangelical Divinity School (2020), doutor em Ministério pelo Reformed Theological Seminary/CPAJ (2015), mestre em Novo Testamento pelo Calvin Theological Seminary (2009) e mestre em Antigo Testamento pelo CPAJ (2007). Professor de Novo Testamento no CPAJ e no Seminário JMC; pastor da Igreja Presbiteriana JMC, em Jandira (SP), e editor dos websites issoegregocom.br e yvagacom.br.

parte de uma figura maior, na qual não são contraditórios, mas complementares. O que soa contraditório (e tem sido em grande parte, durante dois mil anos de cristianismo) é, na verdade, uma demonstração da diversidade de dons e funções de uma mesma economia do Reino. Esses diferentes perfis podem se unir para formar um modelo que guie a Igreja no futuro, a fim de que sejamos um, e assim, o mundo conheça a Deus” (p. 63).

A maior parte do livro (capítulos 3 a 10) apresenta em detalhes cada um dos quatro perfis, seguindo um padrão bem didático: (1) explicação do perfil com diversas ilustrações da vida real e textos bíblicos de suporte; (2) apresentação de situações e personagens bíblicos que ilustram tal perfil, e (3) uma palavra de conselho sobre quais são os erros mais comuns a serem evitados pelos cristãos que tem aquele perfil.

Nos capítulos 3 e 4, Ortega define o *doador* como

[...] qualquer pessoa que contribua de maneira espontânea e liberal. Ele não precisa ser rico; é naturalmente atraído a ajudar financeiramente e contribuir com famílias, projetos sociais ou missões. Ele se alegra em ser participante da obra por meio da disposição em contribuir generosamente, pois crê que há maior felicidade em dar do que em receber (p. 76).

O autor afirma que esse perfil tem facilidade em desfrutar dos bens com gratidão, de dar espontaneamente e de alegrar-se na invisibilidade, apresentando como exemplos bíblicos desse perfil Joana, Cornélio e as igrejas da Macedônia. Esses capítulos terminam com os seguintes conselhos para o cristão com perfil de doador: que sua abundância não seja egoísta e o torne cego ao sofrimento alheio; que sua generosidade não seja para aliviar a consciência; que sua bondade não seja pelo interesse da recompensa e que sua doação não seja sem sacrifício.

Os dois capítulos seguintes (5 e 6) apresentam o perfil *moderado*.

O moderado é quem vive com mordomia pelo que tem e contentamento pelo que não tem. É sensato, não se apega ao dinheiro e sabe cuidar de sua casa com responsabilidade. Ele reconhece que tanto a riqueza quanto a pobreza possuem um propósito para o Reino, desde que se evitem os excessos de ambos os lados. Sua preferência é por uma via média, vivendo de forma simples e com prudência diante de um mundo corrompido (p. 105).

As lições extraídas do perfil do moderado são o cuidado com a mordomia (sustentar a si mesmo e a família, poupar para necessidades futuras, repartir com prudência), a decisão de viver de maneira simples e o contentamento. Os exemplos bíblicos do perfil moderado são Agur, Timóteo e Habacuque. Antes de finalizar o capítulo 6, o leitor ainda encontra alguns conselhos ao moderado: que seu contentamento não seja cômodo; que seu comodismo não perpetue

a injustiça; que sua racionalidade não seja mesquinha; que seu pragmatismo não substitua a compaixão.

O perfil do *transformador* é apresentado nos dois capítulos seguintes da obra (7 e 8):

Assim é o transformador: ele busca trazer os valores do Reino de Deus à terra. Para ele, a desigualdade evidencia o pecado humano, pois a riqueza pertence a poucos, e a pobreza atinge muitos. Deus nos criou para sermos irmãos; no entanto, a maldade do homem faz com que uns acumulem bens enquanto outros morrem de fome (p. 136).

O autor do livro se identifica como tendo este perfil. Ele afirma que as lições que os transformadores trazem são prestar assistência, desenvolver inteiramente visando os aspectos humano, sustentável e espiritual, e reformar a sociedade. No capítulo oito são apresentados como exemplos bíblicos de pessoas com perfil transformador Paulo no levantamento da oferta para os cristãos de Jerusalém; Davi em seu cuidado para com Mefibosete, e Filemom em seu exemplo no tratamento de Onésimo. Assim como com os demais perfis, Ortega também adverte os transformadores em relação a alguns riscos que seu perfil pode trazer: que sua luta por justiça não seja apenas por meio de sistemas humanos; que sua busca por relevância não seja corrompida pelo desejo de poder; que seu inconformismo não seja irracional e demasiadamente crítico e que sua transformação não seja sem amor ao próximo.

O último perfil apresentado (caps. 9 e 10) é o *abnegado*. A citação de definição será um pouco maior desta vez:

O abnegado voluntariamente escolhe perder para este mundo para ganhar com Cristo. Ele renuncia o conforto das riquezas para depender de Deus. Muitos cristãos na história seguiram esse perfil: franciscanos, dominicanos e beneditinos; monges, padres e freiras; pastores, missionários e trabalhadores sociais. Ser abnegado, no entanto, não requer largar tudo para viver num monastério ou país distante. É ser alguém que não acumula bens terrenos para si mesmo; é “reformatar o mundo pregando a humildade de Cristo”. Abnegado não é igual a necessitado. O primeiro vive uma forma de pobreza voluntária, enquanto o segundo, de pobreza involuntária. Um escolhe a simplicidade, o outro é vítima da desigualdade. Abnegação pressupõe renúncia, enquanto necessidade pressupõe carência. Um tem algo a perder, o outro, nada. O abnegado voluntariamente abre mão de si mesmo para servir ao próximo. Sua função não é acumular para dar generosamente, administrar recursos com zelo nem combater a injustiça no mundo. Ele entende que é chamado para perder materialmente, ter compaixão do próximo e depender de Deus, deixando de lado a incerteza das riquezas. O seu dom é servir, se doar e viver para Deus, como fizeram os pescadores da Galileia.

O abnegado ensina aos demais perfis que perder é ganhar; deve-se renunciar para servir, e é necessário aprender a depender de Deus pela fé. Os principais exemplos bíblicos apresentados no livro são o de Maria de Betânia, dos discípulos pescadores e de José, o pai de Jesus. Finalmente, os conselhos que Ortega dá aos abnegados são: que sua abnegação não demonize a riqueza e despreze os ricos; que seu serviço não vire um ativismo forçado; que sua abnegação não leve a uma religiosidade orgulhosa e que sua renúncia não seja sem a direção do Espírito.

No último capítulo (11), Ortega apresenta uma conclusão em forma de figura. Ele propõe que na economia do reino os quatro perfis são fundamentais assim como raiz, tronco, folhas e frutos são fundamentais em uma árvore. Os doadores são considerados uma espécie de raiz que sustenta a árvore ao buscar nutrientes fora dela. Os moderados são como um tronco que conduz esses nutrientes para onde eles devem ir e trazem estabilidade. Os transformadores são como as folhas que transformam os nutrientes em benefício externo. Finalmente, os abnegados são como os frutos que abençoam outras pessoas e abrigam sementes preciosas. Antes de concluir, Ortega volta à parábola do início com sua viagem ao Reino de Deus. Algumas histórias de cristãos de diferentes épocas são contadas ilustrando diferentes verdades a respeito da economia do Reino e, finalmente, Jesus Cristo aparece como aquele que de maneira perfeita ilustra os quatro diferentes perfis.

O livro de Ortega é imperdível e recomendo fortemente a leitura para líderes, estudantes de teologia e cristãos em geral. Fui convencido de que a tese de Ortega está correta: de fato a Bíblia não impõe um mesmo relacionamento com a riqueza e a pobreza a todos os cristãos, mas todos devem ser caracterizados pela misericórdia. O amigo Filipe Fontes comentou que o livro se encaixa em uma tendência contemporânea de livros que usam o perspectivismo como solução, em vez de postularem apenas um caminho a ser seguido. Alguns se sentirão um pouco incomodados com bem poucas referências a profecias, diversas citações de teólogos de tradições distintas entre si e uma referência positiva à tricotomia. Esses senões de forma alguma diminuem a importância e urgência da mensagem do livro. Recomendo com entusiasmo.